

Transpondo fronteiras: a louvação ao baobá e seus reencontros com a África¹

Francisco Carlos de Lucena
Mestre em antropologia social (UFRN)
fcluc@yahoo.com.br

Resumo

O trabalho busca evidenciar, a partir de uma pesquisa etnográfica, aspectos relevantes do ritual chamado *Louvação a baobá*. Esse ritual é uma das atividades de mobilização dos ativistas negros da cidade de Mossoró (Rio Grande do Norte). Ela é realizada no dia 20 de novembro em comemoração ao dia da consciência negra. Seu principal objetivo é fortalecer os laços simbólicos com o continente africano e dar maior visibilidade à umbanda aos habitantes de Mossoró. Em resumo, essa pesquisa etnográfica mostra os significados da Louvação que podem ser relacionados aos processos de invenção da cultura negra fora da África, perfazendo os sentidos culturais da diáspora negra.

Palavras-chave: Ritual; Ativismo; Negritude; Diáspora negra; África.

Abstract

The paper seeks to demonstrate, from an ethnographic research, relevant aspects of the ritual called the *Louvação a baobá*. This ritual is one of the activities for the mobilization of black activists in the city of Mossoró (Rio Grande do Norte). It is held on November 20 in celebration of the day of black consciousness. Its main objective is to strengthen the symbolic ties with the African continent and give greater visibility to umbanda to the inhabitants of Mossoró. In summary, this ethnographic research shows the meanings of such worship which may be related to the process of invention of black culture outside of Africa, making up the cultural meanings of the black diaspora.

Keywords: Ritual; Activism; Blackness; Black diaspora; Africa.

¹ Esse trabalho é dedicado aos militantes negros e aos terreiros de umbanda de Mossoró. Agradeço imensamente às sugestões teóricas e as revisões realizadas por Carlos Guilherme Octaviano da Valle-PPGAS-UFRN.

Não nos esqueçamos que as causas das ações humanas são, de hábito, incomensuravelmente mais complexas e variadas do que as subseqüentes explicações que delas damos. Estas últimas podem ser definidas de maneira mais singela. (Dostoiévski, 2006: 534)

1. Introdução

Fazer uma etnografia não é tarefa fácil. Uma das dificuldades é encontrar recursos de linguagem capazes de transmitir o tom daquilo que se está descrevendo. Ou seja, fazer com que a leitor perceba claramente o suceder das etapas do evento, a reconstituição das interações sociais vividas, o número de participantes envolvidos (Velho, 2003). A sensação que fica é a de sempre estar faltando algo significativamente relevante para compreensão do evento. A realidade a ser descrita coloca-se como sendo bem mais complexa do que efetivamente imaginamos. Como enfatiza Velho (2003), o texto final será o resultado de uma seleção de fatos, julgados prioritários pelo antropólogo para comunicar o seu intento.

Este artigo trata de uma etnografia sobre a louvação à baobá observada em 2006. O propósito da referida etnografia é mostrar que a louvação à baobá configura um momento de fortalecimento dos laços simbólicos com a África; bem como um espaço de visibilidade pública da umbanda. Nesse sentido, a louvação à baobá possibilita uma reflexão sobre as dimensões simbólicas do chamado Atlântico Negro (Gilroy, 2001) e suas ressemantizações em contextos sociais específicos. Mesmo ciente dos riscos de algumas reificações, que podem ocorrer nas análises sociais, esta etnografia é um convite à apresentação e a dramatização de um mundo cultural capaz de nos revelar conflitos, preconceitos e processos de criação e reinterpretação de valores e símbolos da cultura negra. Assim, a etnografia da louvação ao baobá pode nos colocar diante de uma realidade entrecortada pelas contradições sociais e, ao mesmo tempo, pela imbricação de mundos culturais diferentes, mas não completamente excludentes.

2. Contextualizando a louvação ao baobá

A cidade de Mossoró localiza-se na região do semiárido do Rio Grande do Norte, distando 277 quilômetros da capital do estado, Natal². Segundo os dados do IBGE

² Ressaltamos que os termos em itálico são categorias nativas, específicas do contexto da militância negra de Mossoró.

(2010), sua população foi estimada em 259.886 habitantes. É a segunda maior cidade do estado em decorrência de um forte processo de crescimento urbano, ocorrido ao longo da década de 1980. Dentre suas principais atividades econômicas, podemos destacar: a extração e industrialização de sal, a extração de petróleo realizado pela Petrobrás, a agricultura irrigada e o comércio logístico.

O crescimento urbano de Mossoró foi causado, sobretudo, após a instalação da infraestrutura da Petrobrás e o fortalecimento da agricultura irrigada na região. Essas atividades trouxeram significativas transformações socioeconômicas para a cidade. Os investimentos na produção petrolífera fizeram com que a cidade despontasse “como uma das mais importantes áreas em volume de produção de petróleo do país” (Castro, 2000: 25). Foi também a partir da década de 1980 que se consolidou a produção de frutas irrigadas, fazendo com que Mossoró ocupasse uma posição de destaque no mercado de frutas nacional e internacional³.

A louvação ao baobá acontece na Estação das Artes Eliseu Viana, espaço onde são realizadas as principais festividades públicas da cidade⁴. Ela é realizada no dia da Consciência Negra, comemorado a cada ano em 20 de novembro. A primeira louvação ao baobá foi organizada no ano de 2000; quando os militantes do movimento negro *Raízes*⁵ souberam da existência de um baobá na Estação das Artes. Naquele ano, os militantes decidiram organizar um evento com o objetivo de fortalecer os laços simbólicos com o continente africano e, ao mesmo tempo, consolidar na agenda pública da cidade um espaço de valorização da cultura negra. A primeira louvação ao baobá foi realizada por artistas da companhia Escarcéu de teatro. Em 2000, a companhia *Escarcéu*⁶ de teatro era composta, em grande parte, por artistas negros que também faziam parte do movimento

³ Os principais produtos frutícolas exportados são o melão, a manga e a melancia.

⁴ Desde o ano de 2010, a louvação ao baobá passou a ser organizada pelos terreiros de umbanda de Mossoró e realizada na Praça Cícero Dias, em frente ao Teatro Municipal Dix-huit Rosado. Ressalto que neste artigo o local da realização da louvação é reportado à Estação das Artes Eliseu Viana, justamente porque os fatos etnográficos descritos foram observados em 2007.

⁵ O *Raízes* movimento negro de Mossoró surgiu em 1985 com uma agenda pública composta principalmente por três atividades: a *louvação ao baobá*, a exposição fotográfica *negro e lindo* e o bloco e o desfile carnavalesco da boneca negra *Maria espáia brasa*. Na época, o *Raízes* era composto por dez militantes negros. Em 2004 ocorreu a sua desarticulação. Nesse mesmo ano foi criado o *Centro de Estudo, Pesquisa e Atividades Culturais: negro e lindo*.

⁶ A *Escarcéu* é uma companhia teatral surgida em 1986 que atua como um espaço de incentivo e popularização do teatro através da montagem de espetáculos para o palco e teatro de rua.

Raízes. Havia entre os componentes da *Escarcéu* uma preocupação em discutir, através da arte, o racismo em Mossoró. Então, resolveram organizar a louvação ao baobá, buscando assim colocar em discussão a questão do racismo e da valorização das expressões culturais negras. Nos anos seguintes, a louvação passou a ser organizada pelo movimento negro *Raízes*. Em 2004, ocorreu a desarticulação do *Raízes*. Nesse mesmo ano foi criado o *Centro de Estudo, Pesquisa e Atividades Culturais: negro e lindo*, composto por parte dos militantes do *Raízes*. Até 2009, a louvação a baobá ficou sendo organizada por duas militantes do *Negro e lindo*, num trabalho de parceria com os terreiros de umbanda da cidade. Em 2010, a louvação passou a ser completamente dirigida pelos terreiros de umbanda. Atualmente a coordenação da louvação está sob a responsabilidade do terreiro de Neto Almeida, localizado no bairro Santo Antônio. É importante salientar que os fatos etnográficos descritos foram observados durante o ano de 2006, quando estava fazendo o trabalho de campo para minha pesquisa de mestrado.

Em entrevistas com as organizadoras da louvação, destaco aspectos importantes que vislumbram dimensões do processo de organização e de consolidação da louvação a baobá na cidade:

A louvação ao baobá necessita de uma explicação. Primeiro, o que é um baobá? Baobá é uma árvore africana que na nossa cidade, em 2000, identificamos um exemplar desta árvore. Conta a história que veio para o Brasil trazido pelos escravos em seus cabelos como símbolo de vinculação às suas origens. Nós descobrimos que existia um baobá plantado na Estação das Artes, em homenagem a Vingt Rosado. Numa das discussões do *Raízes* foi proposto que a gente realizasse neste lugar um reencontro com as nossas origens, colocando como símbolo da nossa consciência negra e ocupando o espaço público local com a referência a esta árvore negra. Este evento seria uma adoração no sentido de uma referência ao pé desta árvore e as nossas origens africanas. Inicialmente, foi feita pelos artistas da *Escarcéu* e posteriormente nós fomos incorporando os terreiros de umbanda de Mossoró. Hoje é uma atividade realizada pelos terreiros de umbanda. (Fátima, 43 anos, casada, católica, pós-graduada).

A gente tem duas coisas: Uma porque a gente não tem candomblé na cidade. Mas temos a umbanda que vem de um ritual africano. Eu achei importante englobar todas as formas de preconceito e discriminações com o negro, com o umbandista e com o homossexual. Não é só do negro, mas é o dia da Consciência Negra para que a gente olhe e veja os discriminados. Isso a gente está conseguindo. Os umbandistas da cidade de Mossoró estão conseguindo crescer o movimento. Eles

estão se afirmando como religiosos dentro da cidade e acontece o respeito quando a gente ver que hoje temos quatro terreiros. Um dia vai ter cem terreiros com toda certeza. Hoje a gente nem toma mais de conta. É a afirmação social deles, dizendo que estão presentes na cidade. O baobá é de fato uma reverência aos nossos antepassados. (Júlia, 41 anos, solteira, umbandista, graduada).

Chama atenção o fato do baobá da Estação das Artes ter sido plantado em homenagem às lideranças políticas da família Rosado; e não como uma referência à resistência dos negros ao regime escravocrata. A família Rosado detém o poder político local desde a década de 1930. Estrategicamente consegue através de uma série de monumentos, eventos, nomes de praças e prédios públicos atualizar no imaginário da população local a atuação política dessa família. Certamente, a família Rosado não homenageou Vingt Rosado com a plantação de um baobá sem uma estratégia política implícita. Por um lado, o baobá é um símbolo de resistência e grandiosidade para os povos da diáspora negra (Gilroy, 2001). Apresenta-se assim como uma fonte de significação para construção de novas narrativas e novas histórias relativas à presença do negro na sociedade ocidental (Bhabha, 1998). Mas por representar a ideia de grandiosidade, o baobá plantado na Estação das Artes para referenciar uma personagem da política local traz implícita a aspiração de torná-lo um símbolo de resistência para as gerações futuras. Nesse caso, a significação do baobá foi reapropriada pelas lideranças políticas locais no sentido de fortalecer a sua história. Como destaca Kertzer (1988), as realidades e contextos políticos são criados, em grande medida, através de referenciais simbólicos. O mesmo autor argumenta que as criações simbólicas relativas à elaboração da imagem de uma liderança política são meios poderosos para se garantir uma estabilidade nas relações de poder. Então, o fato de um baobá ter sido plantado pela família Rosado pode sinalizar a intenção de ocupar mais um local e espaço público com referência às personagens políticas desta família.

Com o decorrer do tempo, os militantes negros deram outro significado ao baobá, significado esse que está associado às origens simbólicas da árvore com o continente africano. Na fala acima, é enfatizada a questão da Louvação ao baobá possuir um sentido de reencontro com as raízes culturais africanas. De forma que as origens africanas são revividas e realçadas durante a sua realização. Para Sansone (2007), “a África é utilizada como um banco de símbolos do qual são sacados símbolos de uma forma criativa”. Paul Gilroy (2001) sugere que a cultura negra e as identidades negras são criadas e

redefinidas através de uma troca triangular entre o continente africano, o Novo Mundo e a diáspora negra na Europa. Para o autor, esses processos de reelaboração cultural são efetivados através de uma “conexão que deriva tanto da transformação da África pelas culturas da diáspora como da filiação das culturas da diáspora à África e dos traços africanos encerrados nessas culturas da diáspora” (Gilroy, *ibid*: 372). Vale ressaltar que para Gilroy (2001) a conexão existente entre as culturas da diáspora com a África não significa um restabelecimento com um passado perdido, mas sim configura um processo extremamente dinâmico de trocas e de misturas culturais. Para o autor, as misturas e a hibrididade culturais são entendidas como princípios basilares da formação das culturas da diáspora negra. Está intrínseca na discussão de Gilroy (*ibid*) sobre as culturas da diáspora, a questão da resistência e do poder criativo inerente a essas culturas. A louvação ao baobá perfaz o sentido de trocas culturais existentes entre o continente africano e as culturas negras que se organizaram fora da África. Também serve para se pensar no intenso processo de recriação cultural de símbolos africanos que foram trazidos para outras sociedades durante e depois da escravidão.

Outro fato muito interessante é que a árvore plantada na Estação das Artes como sendo um baobá, na realidade, é uma caribeira (*Tabebuia caraiíba*)! Popularmente, ela também é conhecida como ipê-amarelo-do-cerrado. Existem baobás em Mossoró, mas estes se encontram na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mesmo sabendo que o baobá da Estação das Artes não é verdadeiro, a louvação permanece sendo realizada no mesmo local. Um dos fatores apontados pelos militantes para não realizarem a Louvação na UFERSA é o fato dessa universidade se localizar muito distante do centro da cidade, tornando-se difícil o acesso para os participantes do evento. Assim, a Estação das Artes torna-se espaço estratégico por possibilitar maior visibilidade ao ritual, já que fica situada bem próxima ao centro comercial da cidade. É importante destacar que a Louvação ao baobá expressa também intenção em buscar combater o preconceito e a discriminação não somente com relação à população negra, mas associa-se a outras demandas socialmente discriminadas, tais como os homossexuais. Dessa forma, ela coloca-se como um espaço plural de combate a

processos discriminatórios veiculados contra a população negra, os umbandistas e os homossexuais⁷.

3. A louvação a baobá

Geralmente, a louvação ao baobá tem início a partir das dezessete horas. Antes do início, as pessoas ficam conversando sobre assuntos cotidianos e, nessas conversas, à referência a situações de preconceito racial, geralmente, são evidenciadas. Por ser um momento de reflexividade social, ocorre um despertar de conversas e discussões sobre preconceitos, racismo; enfim dificuldades e problemas enfrentados no cotidiano dos participantes. As interações criadas pela louvação possibilitam à criação de uma hermenêutica do cotidiano (Garfinkel *apud* Dreyfus & Rabinow, 1995). Assim, há um intenso processo de reflexividade social, no qual as pessoas fazem de certa forma, uma exegese das situações de racismo e preconceitos, vividas e presenciadas. Durante o dia, a realização do ritual é noticiada nas rádios locais e, às vezes, até nos jornais locais. A louvação é constituída, basicamente, por dois períodos de tempo interligados. No primeiro momento, acontecem os discursos iniciais, destacando o significado do ritual; bem como a sua importância. No segundo momento, são celebrados vários pontos da umbanda. A louvação é finalizada com a entrega de flores de baobá. Próximo ao tronco da árvore são colocados vários utensílios de argila com flores de baobá, outros com arroz e outros com água. No início da louvação o arroz é jogado sobre as pessoas, simbolizando sorte para elas. Em seguida as mãos dos participantes são lavadas com a água. E no final as flores de baobá são distribuídas, simbolizando o fortalecimento dos laços de amizade, a comunhão com as ancestralidades africanas e a união para luta contra o preconceito racial e outras formas discriminatórias.

Antes do início, as pessoas ficam circulando nas proximidades do baobá, conversando e, também, fotografando o evento. Para iniciar, os pais-de-santo e os militantes do *Negro e Lindo* convidam os participantes para fazerem um círculo ao redor do baobá. O círculo é formado, principalmente, pelos umbandistas e os militantes negros, mas pessoas não pertencentes aos terreiros e ao grupo *Negro e Lindo* também participam desse momento. Outras pessoas ficam olhando o evento bem próximas ao círculo; ou ficam

⁷ Valeria citar que vários trabalhos importantes mostraram a relação social e histórica da formação dos terreiros de umbanda no Brasil e a inserção social de homens e mulheres homossexuais. Entre eles podemos citar: Peter Fry, 1982, Ruth Landes, 2002, Patrícia Birman, 1985.

dispersas nas proximidades da área. Depois do círculo constituído, os pais-de-santo e as duas militantes negras, responsáveis pela organização, preparam-se para os discursos iniciais. Nesse ínterim, tem início o batuque dos tambores da umbanda, intercalados entre um discurso e outro. Os discursos das militantes destacam, geralmente, a importância da louvação e a significação do baobá para a população negra. Os pais-de-santo enfatizam e valorizam a umbanda, além de destacarem as dificuldades enfrentadas no processo de autoafirmação como umbandistas. Quando os tambores param, todos ficam atentos ao discurso que está sendo proferido. As pessoas, ao passarem na rua, olham e buscam entender o que está acontecendo. Os discursos vão sendo apresentados. Ao término de cada fala, há sempre o acompanhar das palmas das pessoas. Vejamos o discurso de um pai-de-santo:

A participação dos terreiros na louvação se dá porque somos convidados por Fátima e por Júlia. Esta louvação significa a nossa busca para acabar o preconceito contra a umbanda e contra os nossos irmãos negros. Também serve para louvar o baobá que é uma árvore símbolo do povo africano e da sua luta contra as injustiças que sofreram. (Neto, 42 anos, solteiro, umbandista, segundo grau completo).

Terminado o discurso, segue o som dos tambores da umbanda. Novamente, há um breve silêncio. Mas, então, outro pai-de-santo inicia a sua fala, destacando a necessidade de se combater o preconceito contra a umbanda.

Estamos aqui reunidos buscando mostrar o que significa o culto afro-brasileiro. Como queremos que nossos irmãos deixem de ver a umbanda como uma religião baixa. (Patrício, 40 anos, solteiro, umbandista, segundo grau completo).

Em seguida, temos mais som dos tambores e as pessoas ficam de mãos dadas, atentas aos discursos seguintes. Seguindo o ritual, uma das organizadoras da louvação fala sobre a importância da união dos terreiros.

Esse dia 20 para nós é mais do que o encontro dos ancestrais. Nós que somos umbandista é o momento de buscar a confraternização entre os terreiros e a população de Mossoró. Para mim, está começando a nascer a questão da união dos terreiros da cidade de Mossoró. E o aparecimento deles em público para sair de esconderijo. (Júlia, 41 anos, solteira, umbandista, graduada).

Finalizando os discursos iniciais, outra organizadora do evento também enfatiza o significado da louvação ao baobá, deixando clara a ligação simbólica com a África, transfigurada pelo momento:

O baobá aqui está representado nesta cesta com flores e frutos que veio com os nossos irmãos e nossos ancestrais lá da África. Que eles traziam como lembranças do rompimento com suas famílias por causa da escravidão e do tráfico de escravos. E aqui plantaram essa árvore no Brasil. Esta árvore é uma árvore sagrada onde a gente deposita nossa referência ao nosso passado e aos nossos ancestrais que vieram como escravos. Para nós, este momento é como se nós retornássemos as nossas origens. Significa tentar encontrar o nosso passado. Porque se a gente pegar um branco ele sabe quem é o seu avô, seu bisavô e tetravô. Sabe da história da sua família. Mas se perguntarem a nós, a qualquer um de nós que está aqui, vai ser muito difícil a gente saber. Porque nós não viemos para cá porque quisemos. Nós fomos tirados dos nossos lugares e dos nossos ancestrais. Da sua família para vim para cá arrebatados. Para vim sofrer aqui. O baobá é esta referência ao nosso passado na tentativa de encontrar as nossas asas nesta história. Nós não vamos encontrar os nossos tataravôs. Mas vamos referenciá-los como negros, como pessoas que respeita as origens do povo africano aqui nesta cidade. (Fátima, 43 anos, casada, católica, pós-graduada).

Os discursos iniciais duram em torno de quarenta minutos. Nestes discursos, alguns pontos relevantes podem ser destacados. Um deles é a ênfase que os pais-de-santo dão à louvação ao baobá como significando um espaço de aproximação entre os terreiros de umbanda; e também como um momento para a umbanda ser publicamente visibilizada. Como geralmente os terreiros de umbanda se localizam em espaços afastados do centro da cidade, eles possuem pouca visibilidade pública. E como também são vítimas de muitos preconceitos religiosos e raciais, apresentar-se publicamente é importante para demonstrar que a umbanda é uma religião como qualquer outra e que não é expressão ou resquício do primitivismo da humanidade (Maggie, 2001). Outro ponto importante diz respeito ao fato de a louvação ao baobá expressar um momento no qual os militantes e os umbandistas buscam uma ligação simbólica com o continente africano. Assim, a louvação apresenta-se como um espaço de oposição a uma estrutura social hierarquizada e socialmente conflitiva no que diz respeito à umbanda e a cultura negra de modo geral. Se entendermos que os rituais configuram formas de afirmação simbólica da ordem social (Leach, 1996), pode-se dizer que a louvação ao baobá possui um significado de afirmação e de fortalecimento das expressões culturais afro-

brasileiras no contexto social de Mossoró. O baobá representa a África através da ideia de resistência e grandiosidade que são simbolizadas na árvore. Isso nos faz lembrar o estudo de Victor Turner (*apud* Peirano, 1993) sobre o simbolismo das árvores Ndembu. Ademais, Peirano (*ibid*) destaca que são recorrentes em muitas culturas os rituais que utilizam árvores em suas elaborações simbólicas.

Um fato destacado por Sansone (2007) nos processos de africanismos é justamente as diferentes formas que a África tem sido reinventada, dependendo das razões políticas envolvidas e das contingências sociais. A louvação ao baobá possibilita uma ligação com o continente africano através das lembranças da escravidão e dos laços de comunhão com as ancestralidades africanas, contextualmente recriadas pelos participantes do ritual. Desse modo, a louvação ao baobá nos remete a pensar nas forças sociais locais que influenciam as maneiras como as expressões culturais africanas têm sido classificadas e posicionadas nas diferentes regiões do Brasil (Sansone, 2007). A realização da louvação ao baobá instiga também em se pensar na relação entre rituais e ação social (Peirano, 2001). A louvação ao baobá possui ao mesmo tempo um significado de ligação simbólica com a África e um propósito de dar visibilidade a expressões culturais afro-brasileiras. De certa forma, a realização da louvação revela aspecto de um contexto no qual existem conflitos referentes à aceitação dessas expressões culturais pela sociedade local. Como os rituais são momentos de intensificação do que é usual na sociedade, eles refletem traços comuns a outros momentos ou situações sociais (Peirano, *ibid*). Assim, a louvação pode evidenciar elementos de uma sociedade na qual as expressões culturais afro-brasileiras são vistas de modo preconceituoso. Diante das dimensões sociais e simbólicas destacadas pela louvação, pode-se dizer que ela encena um momento de intensa reflexividade, colocando, através da dramatização social, possibilidades de criação e recriação de significados referentes à África e ao combate ao preconceito. Os discursos mostram aspectos de uma realidade cultural que transpõe as fronteiras do local e canaliza os fluxos culturais no Atlântico Negro refletidos por Gilroy (Gilroy, 2001; Hannerz, 1997).

Terminado esse primeiro momento da louvação, os tambores recomeçam os seus sons. Os umbandistas iniciam os vários pontos constituintes da louvação. Nesse momento são formados dois círculos ao redor do baobá. O primeiro círculo formado pelos umbandistas que entusiasticamente celebram os pontos da umbanda. O outro círculo é

formado pelas pessoas que não são participantes da umbanda, mas que prestigiam e festejam juntamente com eles aquele momento. Assim, a louvação, com muita festividade e alegria, começa a adentrar o início da noite. Com o passar do tempo os círculos começam a se fundir e formar apenas um. Um grande círculo cantando e celebrando a umbanda! Vale ressaltar que os umbandistas aparecem bem caracterizados, trajando os seus vestuários dos rituais da umbanda. Naquele momento, eles fazem questão de deixar bem claro para as pessoas presentes que são umbandistas. De fato, trata-se de um momento importante para a visibilidade da umbanda na cidade. Talvez a idéia de encorajamento seja realmente mais apropriada. Nas conversas que pude ter com eles durante a realização da louvação, ouvi de um umbandista a seguinte declaração, que enfatiza um pouco este sentido de encorajamento que estamos falando.

Eu acho que é a gente que tem preconceito. Porque hoje nós estamos realizando a Louvação à baobá e apresentando a nossa religião e não vir preconceituoso. O que a gente precisa é ter mais coragem e afirmar que somos umbandistas em qualquer lugar que estivermos presentes. (José, 28 anos, solteiro, umbandista, segundo grau completo).

Por ser num espaço público de grande movimentação de pessoas, a louvação provoca um momento de reflexividade para os umbandistas. Uma reflexividade na qual eles percebem a necessidade de lutar por mais visibilidade para a sua religião. Outro umbandista fez mais um comentário, realçando também o mesmo sentido de encorajamento que eles vivem durante a louvação.

Nós precisamos fortalecer mais este evento porque a umbanda sofre muito preconceito em Mossoró. Assim, a gente saindo para rua as pessoas ficam sabendo que nós somos umbandistas e o preconceito vai diminuindo. (Antônio, 27 anos, solteiro, umbandista, segundo grau incompleto).

É de fato um momento de reencontro simbólico, de fortalecimento de laços sociais provocado pela natureza ritualística da louvação. A alegria e a interação dos participantes possibilita a existência de momentos de reflexividade e de valorização das expressões culturais negras. Como diria Bhabha (1998), é uma situação de construção e de elaboração de novos discursos de africanidades, contrários à lógica excludente da modernidade.

Quando o tempo vai passando, aproxima-se aos poucos do encerramento da louvação. Transeuntes que passam pela Avenida da Estação das Artes e são atraídos pelo evento, fixam um olhar de estranhamento. Um olhar de quem não está familiarizado com aquele tipo de acontecimento. Muitas vezes, dizem frases preconceituosas tais como: *neste momento, eles não fazem macumba; eles estão somente se apresentando, não há perigo aí*. Às vezes, ficam rindo dos processos ritualísticos dos pontos da umbanda. Geralmente, estas pessoas não esperam a louvação terminar. Elas observam como se tivessem esperando algo espetacular ou exótico acontecer. Mas, parecem constatar que não vai acontecer nada de exótico e partem. Também passam pessoas na avenida, principalmente em carros ou motocicletas, que gritam frases e palavras de teor estigmatizante. Essas reações das transeuntes são instigantes para refletirmos a dimensão conflitiva que a louvação propicia. De certa forma, essas frases e atitudes preconceituosas apontam aspectos contraditórios da sociedade brasileira. Algo que Roberto Da Matta (1990) denominou de intermediação das contradições sociais brasileiras.

Os convidados dos pais-de-santo e das militantes negras ficam observando o decorrer da louvação e tirando fotos. São, na maioria, professores e estudantes universitários. A equipe da imprensa jornalística sempre está presente. Sua presença é requerida pelas militantes e é mais fortalecida pelo fato de existir um militante do *Negro e lindo* que é jornalista de um jornal local.

Em torno das dezenove horas, a louvação chega ao seu final. Terminam os pontos da umbanda, os tambores param também. Momento de abraços, agradecimentos e entrega de flores de baobá. Por vezes, arroz ainda é jogado sobre as pessoas. Cada um quer ganhar uma flor ou um fruto de baobá. É um gesto simbólico de comunhão com os ancestrais africanos. São flores e frutos de baobá que simbolizam um momento de ligação com uma África que somente através de um espaço ritualístico é revivido e atualizado. É, assim, um momento de fortalecimento dos laços simbólicos com a África, mas é também um momento de intensa confraternização entre as pessoas, momento onde refletem acerca do racismo, do preconceito e do imenso valor das expressões culturais negras para a sociedade brasileira.

4. Considerações finais

A louvação ao baobá cria um momento de dramatização permeado pelo sentimento de reencontro com a África e pelo desvelamento de conflitos raciais. Dessa forma, ela possui tanto uma dimensão simbólica, no tocante à construção de significados mediados pelo atlântico negro, como uma dimensão política senão claramente definida, mas implícita em sua organização e realização. Nessa ótica, a louvação se coloca como uma realidade capaz de abrir um campo rico de possibilidades simbólicas e políticas para os participantes, com especial destaque para os umbandistas. Talvez o fato dos terreiros terem assumido a completa organização da louvação venha mostrando um pouco essa dimensão. Como um momento de apresentação da cultura negra, apesar das tensões sociais vividas durante o ritual, a louvação acrescenta ao contexto de militância negra de Mossoró uma situação social demasiada próspera, sobretudo para os terreiros de umbanda, de elementos simbólicos e recursos políticos. Ela representa no contexto de Mossoró, junto com outras expressões culturais negras locais, a luta pela polifonia e pelo não cerceamento da inventividade e vivacidade da cultura negra. Configura, assim, uma realidade substantiva à criação e reinvenção de tradições e de laços simbólicos, relacionados com a historicidade e a narratividade africanas.

A etnografia da louvação ao baobá configura um momento muito rico e singular no contexto social de Mossoró, ressaltando e elaborando discursos sociais, ligadas à construção de imagens e discursos sobre o continente africano, sem tomar o passado como causa social de um possível devir histórico, mas apresentando-se através de um processo de renovação do passado. Ao se reportarem à África como um elo simbólico que dinamiza significações de suas ações políticas e formas identitárias, os participantes da louvação, especialmente os militantes negros e os umbandistas, evidenciam aspectos de um processo de construção e de ressignificação dos discursos sobre a África de forma a não estarem ligados a um *continuum* do passado ao presente. Essas pessoas fazem o que Bhabha chama de um processo de tradução cultural (1998), ou seja, a construção de novos discursos e práticas sociais galgadas por uma renovação do passado. Isso coloca a louvação ao baobá como um momento, de certa forma, estratégico para o combate às formas de obliteração da cultura e da história dos negros na cidade de Mossoró.

A Louvação ao baobá apresenta um micro-cosmo social bastante provocativo para se pensar sobre a criação de laços transnacionais baseados numa africanidade reinventada

e posta sobre outra perspectiva. Um olhar que não seja o do colonizador, mas de quem sofreu com as consequências da escravidão. É também um momento de aguçamento da memória da África, fazendo com que os participantes da louvação, com ênfase especial nos militantes negros e nos umbandistas, se sintam integrantes de uma comunidade negra global, ou seja, do chamado Atlântico Negro, conforme Paul Gilroy (2001). Como qualquer realidade etnográfica, a louvação ao baobá é muito instigante no tocante a possibilidade de se refletir acerca de processos de criação de discursos e práticas ligados à simbolização da África como sendo um elo de pertencimento para as populações oriundas da diáspora negra.

Seja como espaço estratégico para visibilidade da umbanda na cidade, seja como um recurso à formação de laços simbólicos com uma África originária e mítica, a louvação ao baobá se apresenta como realidade capaz de fomentar processos reflexivos ambivalentes no sentido de mostrar aspectos culturais de uma sociedade marcada pela discriminação, mas que ao mesmo tempo está absolvida na cultura que pretensamente busca negar. No entanto, a louvação ao baobá, de certa forma, marca um processo de questionamentos, um momento discursivo, no qual a cultura negra é afirmada através de um fluxo de símbolos que não são propriamente da cultura local, mas que se inserem na lógica ambivalente da formação de identidades transnacionais.

Referências bibliográficas

BHABHA, K. Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BIRMAN, Patrícia. Identidade social e homossexualismo no candomblé. **Revista religião e sociedade**. Rio de Janeiro, n. 12, v. 1, p. 2-21, ago 1985.

CASTRO, Carla Yara F. **A explosão urbana de Mossoró e os efeitos sobre seu entorno: um desafio a sustentabilidade**. Diss. (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2000.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor M. **O idiota**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**. São Paulo: Editora 34/UCAM, 2001.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.7-39, abr 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001. Acesso em: 20 de fev 2011.

KERTZER, David. **Ritual, Politics and Power**. New Haven: Yale University Press, 1988.

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Edusp, 1996.

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixá: um Estudo de Ritual e Conflito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PEIRANO, Mariza. Temas ou teorias? o estatuto das noções de ritual e de performance. **Campos: revista de antropologia social**, Curitiba-PR, v.7, n.2, p.9-16, jun 2006. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/issue/view/551>. Acesso em: 23 de fev 2011.

_____. As árvores Ndembu: uma reanálise. **Anuário Antropológico 90**, Rio de Janeiro, p.9-64, 1993.

_____. Rituais como estratégias analíticas e abordagem etnográfica. In: **O Dito e o Feito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

SANSONE, Lívio. Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. **Rizoma**. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=197&secao=afrofuturismo>. Acesso em 8/03/2007.

VELHO, Gilberto. **Projetos e metamorfoses: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.